

CORREIO NO MUNDO

Vosmar Rosa/MPor



Movimentação portuária reflete o avanço das exportações

China amplia influência nas exportações latino-americanas

As exportações da América Latina ganharam força no primeiro trimestre de 2026, com destaque para a China, que se consolidou como o mercado de maior crescimento para a região. Segundo relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), as vendas para o país asiático avançaram 25% em relação ao mesmo período do ano passado, superando os aumentos registrados para o restante da Ásia, União Europeia e Estados Unidos. Apesar disso, os americanos seguem como principal destino das exportações latino-americanas, impulsionados sobretudo pelo comércio com México e América Central. No total, as exportações regionais cresceram quase 16% no trimestre.

Presença na América do Sul

O avanço das exportações para a China prolonga uma tendência iniciada no fim de 2025. De acordo com o BID, o país asiático respondeu por 40% do aumento das exportações sul-americanas no ano passado. O Brasil também foi beneficiado pelo movimento e registrou crescimento de 1,8% nas vendas externas, impulsionado pela demanda chinesa e pelo comércio com países vizinhos da região.

Danilo De Marco/Divulgação/



Carlo Ginzburg é um ícone da historiografia italiana

Luto na historiografia mundial

Um dos grandes nomes da historiografia contemporânea nos deixou nesta quarta-feira (17): Carlo Ginzburg. O italiano, autor de "O Queijo e os Vermes", tinha 87 anos. A causa da morte não foi divulgada pela família. Ginzburg foi o pioneiro da chamada micro-história ou mais conhecida como "história vista de baixo", na qual um personagem vira o protagonista de um grande enredo. A história como fora a questão da inquisição na Idade Média, por meio da vida do moleiro Menocchio, que foi condenado à fogueira por heresia.

Obras e carreira de Carlo Ginzburg

O filho de Leone e Natalia Ginzburg também tem como outras obras "Os Andarilhos do Bem" e "História Noturna", cujos temas principais são bruxaria e feitiçaria, e "Medo, Reverência, Terror", sobre o momento político do mundo atual. Ele lecionou em universidades como Harvard, Yale, Princeton e a Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e teve seus trabalhos traduzidos para mais de 30 idiomas.

Brasil e Ucrânia

Aproveitando a reunião do G7, na França, a delegação da Ucrânia formalizou um pedido à brasileira de um reunião bilateral entre os presidentes Volodimir Zelenski e Lula. O Brasil não participou da sessão de trabalho do G7 dedicada à Ucrânia, por ter sido dedicada apenas aos membros do grupo.

Sanções à Rússia

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, afirmou que os líderes do G7 discutiram novas sanções contra a Rússia para levar Moscou à mesa de negociações para encerrar a guerra. O líder ucraniano disse que Moscou enfrentará um inverno muito difícil caso um acordo de paz não seja alcançado antes disso.

Juros nos EUA

O Federal Reserve, o Banco Central dos EUA, manteve a taxa de juros entre 3,5% e 3,75%. A reunião desta quarta-feira (17) foi a primeira presidida por Kevin Warsh. Após a reunião, Warsh disse que o comunicado não ofereceu orientação futura porque ela não é "adequada" ao momento econômico atual.

Acordo de paz I

Apesar do acordo de paz, Trump já mostrou o seu lado vingativo. O presidente dos Estados Unidos disse que se o Irã não seguir à risca o documento, voltará a bombardear o país asiático. "É um memorando de entendimento. E, se eu não gostar, voltaremos a atirar neles, lançando bombas na cabeça deles", disse Trump, no G7.

Acordo de paz II

O Hezbollah reafirmou seu apoio ao acordo e disse que ele representa uma vitória ao Irã. O grupo afirmou ainda que o pacto representa uma "grande vitória" à República Islâmica e que a principal exigência do Líbano deve ser a restauração de sua soberania após a ocupação das tropas israelenses.

Acordo de paz III

Os líderes europeus disseram estar prontos para contribuir para a implementação do acordo, com uma coalizão liderada por Reino Unido e França, preparada para garantir a segurança da navegação no Estreito do Hormuz, assim que for reaberto, e buscar formas de diversificar as rotas de fornecimento de energia.



Donald Trump sendo recebido pelo presidente da França

Macron recebe Trump em Versalhes após cúpula

Encontro foi pelos 250 anos da independência dos EUA

O presidente da França, Emmanuel Macron, voltou a recorrer ao simbolismo do Palácio de Versalhes como instrumento diplomático ao receber, nesta quarta-feira (17), o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O encontro ocorreu em meio às comemorações dos 250 anos da independência americana e reforçou a estratégia do líder francês de transformar o antigo palácio real em palco para agendas internacionais de alto nível.

Em um ambiente marcado pela grandiosidade e pelo peso histórico, o jantar serviu não apenas para celebrar a relação entre os dois países, mas também para ampliar o diálogo político em um momento delicado da política internacional.

Em entrevista ao canal TF1 antes da abertura da cúpula do G7, realizada em Évian-les-Bains, na região da Alta Sabóia, Macron afirmou que a recepção tinha caráter comemorativo e destacou a participação francesa no processo de independência dos Estados Unidos.

Os dois chefes de Estado seguiram para Versalhes após os compromissos do G7, iniciado na segunda-feira (15). Para o governo francês, o encontro também representou uma oportunidade de prolongar as conversas bilaterais e assegurar a permanência do presidente americano até o encerramento das discussões multilaterais.

Diplomacia em cenário histórico

A recepção foi planejada com um protocolo detalhado e cercada por forte aparato de segurança. Trump desembarcou no aeroporto de Orly e seguiu até Versalhes em um comboio formado por cerca de sessenta veículos, refletindo a importância política atribuída ao encontro.

Antes do jantar, marcado para as 19h45, Macron e Trump percorreram alguns dos espaços mais conhecidos do palácio, entre eles o Salão dos Espelhos e a Capela Real. Os dois líderes também visitaram a exposição "Versalhes e os Estados Unidos", dedicada aos vínculos históricos entre os dois países.

O palácio ocupa um lugar relevante na trajetória da independência americana. Foi ali que o rei Luís XVI decidiu apoiar militarmente os revolucionários dos Estados Unidos, liderados por Benjamin Franklin, em 1778. Anos depois, em 1783, Versalhes sediou a assinatura do tratado que reconheceu oficialmente a independência americana.

Ao comentar a celebração, Macron afirmou que o momento serviria para homenagear a amizade entre as duas nações.

Apesar da atmosfera solene e do cenário imponente, a programação da noite foi mais discreta do que o esperado. Diferentemente de outras ocasiões realizadas em Versalhes, não houve espetáculo de luzes nem apresentação de fogos de artifício nos jardins do palácio.